



A IDEOLOGIA DA CULTURA BRASILEIRA NAS UNIVERSIDADES: INTERLOCUÇÕES ENTRE JÚLIO DE MESQUITA FILHO, DARCY RIBEIRO E PAULO DUARTE (1939-1978)

THE IDEOLOGY OF BRAZILIAN CULTURE AT UNIVERSITIES: INTERLOCUTIONS BETWEEN JÚLIO DE MESQUITA FILHO, DARCY RIBEIRO AND PAULO DUARTE (1939-1978)

Francisco Adriano Leal Macêdo¹

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (Orientador)²

Recebido em: 30 de setembro de 2020.
Aprovado em: 12 de outubro de 2020.

<https://doi.org/10.46401/ajh.2020.v12.11953> 

RESUMO: O artigo busca perceber, à luz dos intelectuais Júlio de Mesquita Filho, Darcy Ribeiro e Paulo Duarte, como suas interlocuções a respeito da cultura brasileira construíram uma dada cultura universitária no Brasil. A partir de seus escritos e depoimentos, observa o desejo dos três em atuar nos polos da construção nacional. Focamos, ainda, nos dispositivos utilizados pelos personagens em questão para tornarem efetiva sua inserção no regime de dizibilidade intelectual pretendido, infundido nos enunciados e nos significados da universidade.

Palavras-chave: Intelectuais; Cultura; Universidade; Brasil.

ABSTRACT: The article seeks to understand, in the light of intellectuals Júlio de Mesquita Filho, Darcy Ribeiro and Paulo Duarte, how their interlocutions about Brazilian culture built a given university culture in Brazil. From his writings and testimonies, he observes the desire of the three to act in the poles of national construction. We also focus on the devices used by the characters in question to make their insertion in the intended intellectual sayability regime effective, infused in the statements and meanings of the university.

Keywords: Intellectuals; Culture; University; Brazil.

1 Graduado em História pela Universidade Federal do Piauí (2018) e mestrando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. E-mail: adrianolealmacedo@outlook.com.

2 Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2010), especialização em História do Brasil pela Faculdade Latino Americana de Educação (2011), mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2013) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (2016). É Professor Assistente I do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da mesma instituição. É co-líder do GT "História, Cultura e Subjetividade" (DGP/CNPq) e membro do GT Nacional de História Cultural (ANPUH). E-mail: fabioleobrito@hotmail.com.

“A crítica intelectual torna-se política³”: Palavras iniciais

[...] o cinismo é a ironia com poder, ou a ironia no poder, e como a ironia é província do intelectual, um intelectual no poder tem o mesmo privilégio do tirano mais bem articulado de Shakespeare, que podia ser Ricardo III e ao mesmo tempo se observar sendo Ricardo III e dizendo que o que é não é e o que não existe, existe. E se maravilhando com ele mesmo. (Luís Fernando Veríssimo, *Banquete com os deuses*, p. 125-126).

Iniciamos citando uma entrevista publicada originalmente pela *Folha de São Paulo* em 26 de junho de 1977, cujos interlocutores eram Tarso de Castro, Paulo Duarte, Moarcir Amâncio, Miguel Fontoura e Sérgio Gomes. O título é sugestivo: “Os velhos mestres”. A latência de ideias trazidas por esse pequeno texto permite um olhar amplo por todos os tempos misturados que veiculavam a essa aproximação ao *fin de siècle*. Instado por questões não tão distantes das que até o nosso presente inquietam, o tema das discussões em torno da universidade naquela época salta aos olhos e não era inédito. Em um momento histórico em que existe uma profusão de narrativas e verdades a serem defendidas com tanto ardor, atentamos a esse passado onde “velhos mestres” estão a esgrimir os seus pontos de vista.

Sobre o desmonte da universidade no período dos governos militares que vigoraram entre meados dos anos 1960 até a década de 1980, Moarcir Amâncio diz que o que mais foi prejudicado “foram as ciências sociais e a filosofia. Liquidaram com tudo” (MARTINS, 2009, p. 102). Ora, esse é um mote para lançar as vistas para o passado em busca de reflexões sobre os saberes, na altura do final da década de 1930 em diante, bem como os calorosos debates da cena intelectual que atravessaram o século XX. Isso perpassava pela busca de uma “verdadeira Cultura Brasileira” que – assim estabeleceu um estudioso do assunto –, era incessantemente desejada por “heróis civilizadores que definiam quem éramos” (MOTA, 2010, p. 23).

Na primeira parte do texto que segue, colocaremos em análise duas entrevistas feita pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) no interior do projeto “História da ciência no Brasil”, desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman. Começamos pelo depoimento de Paulo Alfeu Junqueira de Monteiro Duarte, referenciado por Carlos Guilherme Mota como um importante intelectual do pensamento social brasileiro,⁴ entrevistado em 1977.⁵ Conforme demonstra Mota (2010), Duarte ao lado de Mesquita Filho estiveram na linha de frente dos intelectuais brasileiros que receberam a “missão francesa” na recém-criada Universidade de São Paulo na década e 1930. Interessa-nos centralmen-

3 Argumento enunciado por Carlos Guilherme Mota em torno da existência de esforços para consolidação de ideologias da cultura brasileira. Tomamos esse pensamento emprestado para levantar as discussões das páginas que seguem. Ver: MOTA, Carlos Guilherme. **A ideologia da cultura brasileira**. (1930-1974): pontos de partida para uma revisão histórica. 4 ed. São Paulo: Ática, 1980, p. 119.

4 Seguindo o índice onomástico do livro do referido autor, temos menções ao sujeito em questão nas seguintes páginas. Referenciamos para facilitar a consulta. Ver: MOTA, Carlos Guilherme. **História e contra-história: perfis e contrapontos**. São Paulo: Globo, 2010. p. 48, 123, 178, 218, 259, 310.

5 A seguir, referência completa da entrevista concedida por Paulo Alfeu Junqueira de Monteiro Duarte e que será utilizada como uma das fontes desse artigo. Ver: DUARTE, Paulo Alfeu Junqueira de Monteiro. **Paulo Duarte II** (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 178p.

te as impressões de Paulo Duarte como personagem que contracenou com Júlio de Mesquita Filho e manteve uma amizade – mesmo que algumas vezes estremecida pelas circunstâncias –, por um extenso período da vida.

Na segunda parte, se fará presente a narrativa de outro nome muito conhecido no pensamento social brasileiro, Darcy Ribeiro.⁶ Os trechos em foco são sobre um encontro entre Ribeiro e Mesquita Filho para tratarem das concepções de universidade no Brasil, evidenciando-se enquanto objeto de litígio e um significante em disputa. É um depoimento conflituoso, com uma perspectiva mais agressiva do que a de Paulo Duarte.

Por fim, Mesquita Filho por ele mesmo, em 1939, quando se encontrava exilado pelo “Estado Novo” que então vigorava. Como já era um renomado jornalista, ligado a associações internacionais de imprensa, passa a colaborar com alguns periódicos estrangeiros. No caso que cá fazemos referência é o *La Prensa*, que no final da década de 1930 estivera organizando dossiês sobre o tema das cidades universitárias na América Latina. Numa nota deste documento datilografado, consta que o texto que o brasileiro desterrado escrevera foi “o terceiro de uma série que o grande órgão da imprensa platina vem publicando sobre o problema da construção de cidades universitárias”, acrescentando que “vêm assinados pelas maiores sumidades sul-americanas no assunto”.⁷ Essa descrição nos conduz a perceber a notoriedade adquirida no concerto de intelectuais que se esforçavam em consolidar projetos de pensamento social.

Sobre essas fontes, alertamos que se tratam de documentos obtidos por meio de depoimentos concedidos a um centro de pesquisa na década de 1970 e um artigo datilografado em um tempo bastante anterior ao daqueles – década de 1930 – portanto o trato dado aos ditos e escritos em questão não será necessariamente o mesmo rigorosamente dedicado às metodologias da História Oral, ainda que estejam implícitas as recomendações sobre a crítica das fontes. Apropriamos as proposições de Hans Ulrich Gumbrecht (1999) sobre a simultaneidade histórica e o texto de História poder “proporcionar uma ilusão de uma experiência direta com o passado como “método” de presentificação e análise. A saber, o termo aparece com aspas pois o próprio autor se esquivava desse status epistemológico de método no sentido clássico, nomeando-o de “complexo de inferioridade tradicional” dos humanistas “em relação aos cientistas” (GUMBRECHT, 1999, p. 474).

“A alma da Universidade”: Júlio de Mesquita Filho por Paulo Duarte

O depoimento de Paulo Duarte é uma entrevista temática realizada por Ricardo Guedes Pinto, contando com Tjerk Franken para o levantamento de dados. O roteiro foi elaborado por Patrícia Campos de Sousa. Na cidade de São Paulo, entre os dias 12 de abril e 13 de abril de 1977, foram gravadas 7h 50min de fala em seis fitas cassete. No ano de 2010, os áudios foram transcritos em 178 páginas. O projeto “História da ciência no Brasil” justificou a escolha do entrevistado por “sua

6 A seguir, referência completa da entrevista concedida por Darcy Ribeiro e que será utilizada como uma das fontes desse artigo. Ver: RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro** (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 61 p.

7 Optamos por fazer essa primeira referência em nota de rodapé para situar o leitor sobre o tipo de fonte de que se trata, já que faz parte de acervo pessoal. Doravante, estará no corpo do texto. MESQUITA FILHO, Júlio de. *Cidades universitárias*. Documento pessoal do arquivo do jornal O Estado de São Paulo. Buenos Aires, 30 de novembro de 1939. p. 06.

atuação e atividades no Museu do Homem, em Paris, no Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, e no Instituto de Pré-História da USP” e dentre os temas abordados destacam-se “Armando de Sales Oliveira”, “Desenvolvimento Científico e Tecnológico”, “Educação”, “Ensino Superior”, “História da Ciência”, “Imprensa”, “Júlio de Mesquita Filho”, “Universidade de Brasília”, “Universidade de São Paulo” e “Universidade do Distrito Federal” (DUARTE, 2010).

No início da história contada, Duarte fala longamente sobre como entrou em contato com as ciências e a sua carreira acadêmica nos dias iniciais da sua atuação na Universidade de São Paulo, que fora fundada na década de 1930. É nesse ponto, da fundação da USP, que o personagem Mesquita Filho entra na conversa e se entrelaça com a história de Paulo Duarte. Segundo ele, sem Júlio de Mesquita Filho não poderia existir a universidade. Quando os dois se conheceram, ainda na década de 1920, Duarte aponta o que afirma ter sido algumas percepções daquela época:

[...] Aí fiquei conhecendo o pensamento do Júlio Mesquita. E o Julinho era um excelente sociólogo. Ele era, por assim dizer, um autodidata. Ele não teve uma carreira de Sociologia. Ele estudou na Suíça, onde fez a formação secundária dele. Veio da Suíça para São Paulo, e fez o curso da Faculdade de Direito (DUARTE, 2010, p. 18).

Conforme demonstrado por Carlos Guilherme Mota, os intelectuais no Brasil passaram a agir nos espaços vazios da prática política como um meio considerado estratégico no terreno das influências. Júlio de Mesquita Filho foi um sujeito cuja trajetória pessoal e intelectual esteve em sintonia fina com “uma certa ideia de Brasil”, com militâncias diversas. Citamos alguns exemplos – mapeados em pesquisa anteriormente realizada:⁸ o envolvimento no “Movimento Constitucionalista” de 1932, que lhe rendeu um exílio; depois desse engajamento bélico e frustrado, a sua veia intelectual se fazia presente em textos produzidos para os editoriais *Notas e Informações* no período que foi dirigente do *O Estado de São Paulo*, muitas vezes publicados posteriormente como livros. É digno de nota a sua correspondência com intelectuais brasileiros conhecidos como Monteiro Lobato e estrangeiros, como Fernand Braudel e Raymond Aron. Nos interessa saber pistas dos porquês dos esforços intelectuais de Mesquita Filho em definir “onde o Brasil”, conforme famoso verso de Carlos Drummond de Andrade; embaixo de quais cobertores esteve para sonhar o seu próprio país tropical e pátria; qual seria o índice de sucesso das suas conclusões.

Correligionários existiam, conforme o tom quase-épico de Paulo Duarte aponta, fazendo uma certa elegia das intenções de Júlio de Mesquita Filho e as suas ferramentas sociológicas adquiridas autodidaticamente, fincadas em seus estudos na Suíça. Nesses embates intelectuais, as pistas de um “pensamento brasileiro” indicam a busca da forja de um tempo brasileiro, cujas bigornas retiniram violentamente a altas temperaturas – como veremos adiante através do depoimento de Darcy Ribeiro. Voltamos a citar Carlos Guilherme Mota, sob a justificativa de ter sido um historiador

⁸ Os trabalhos que tomam a trajetória de Júlio de Mesquita Filho nessa perspectiva de História Intelectual ainda são escassos. Apresentamos como ponto de referência o seguinte texto, que discute os engajamentos, alianças e negociações do personagem em questão entre 1932 e 1964: MACÊDO, Francisco Adriano Leal. **Nação como retórica**: a construção da ideia de Brasil por Júlio de Mesquita Filho (1932-1964). 2018. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018. Citamos também artigos publicados em periódico anteriormente: MACÊDO, Francisco Adriano Leal. Relíquias da existência de um intelectual: os mundos fraturados de Júlio de Mesquita Filho na “Era dos Extremos”. *Intelligere*, n. 8, p. 17, 30 dez. 2019. MACÊDO, Francisco Adriano Leal. Janela sobre a metrópole órfica: Júlio de Mesquita Filho e a cidade-mundo que habitou. *Vozes, Pretérito & Devir*, Ano VII, Vol. XI, Nº I, p. 208-228. 25 mai. 2020.

que se dedicou a desvendar as penumbras que residiam nas “ideias de Brasil”. Para Mota (1980), a ideologia da cultura brasileira se faz presente em diversos tipos de produção intelectual. Quando os esforços bélicos falharam em consolidar projetos, meios menos violentos e mais sutis poderiam ser considerados para “transformar o país”, ou afinar a melodia político-cultural sob determinado diapasão.

Stuart B. Schwartz também anota a existência do paradoxo do Brasil ser “tanto uma ideia quanto um lugar”, e que grupos de intelectuais de épocas distintas entraram, por seu turno, numa corrida para redefinir e reinterpretar o significado da “ideia” e remanejar a materialidade do “lugar”. Temos então a busca de um “verdadeiro Brasil”, flertando em cada momento com os diversos brasis, uma “estratégia argumentativa e discursiva” que significava uma projeção para o futuro (SCHWARTZ, 2000). Em outras palavras, as cargas de sedução envolvidas para fazer parecer transcendente e definitivo um determinado Brasil perpassava por estratégias que tinham variados níveis: primeiro, estava implícito a existência de “verdadeiros brasileiros”; depois, tal narrativa tinha de se fazer o mais verossímil possível. Júlio de Mesquita Filho se lançaria nessa esgrima ideológica carregando como florete certas noções sociológicas e um projeto educacional. O trecho abaixo é sintomático desse esforço em se inserir em tal ordem discursiva:

Quando ele foi para o Estado, levou o germe da sua questão universitária. Da necessidade de uma universidade, porque ele era muito lúcido, tinha estudado muito bem. Ele era sociólogo, era um durkheimiano. Até eu dizia: “O Julinho é tão durkheimiano, que se amanhã apresentar-se um crepúsculo vermelho demais, ele diz: Não, aquilo não existe, porque Durkheim não previu. Ele era do grupo, foi ele que fez o Fernando de Azevedo durkheimiano. Fernando de Azevedo era durkheimiano também, até morrer”. Pois é, o Julinho, um dia lembrou de fazer um inquérito sobre o ensino em São Paulo. O ensino primário, o ensino médio, o secundário e o superior (DUARTE, 2010, p. 21).

Esse trecho indica um esforço de encaixar a universidade a ser criada em paradigmas científicos demarcados em torno de um mecanicismo bastante preciso, sem possibilidade de falhas. O modelo deveria ser rígido, para refletir a criação de uma pátria forjada pelas letras. Quando o entrevistador indaga Paulo Duarte acerca da finalidade de todos esses esforços para a criação de uma cidade universitária em São Paulo, menciona que num certo discurso de Mesquita Filho começa afirmando ter sido “vencido pelas armas” e justifica que a USP seria uma maneira de recuperar a “hegemonia perdida”. Essa provocação causa efeito, e Duarte admite prontamente que a criação da universidade era sim “um ato político”, acrescentando que “[...] o sentido do discurso do Julinho é o sentido cultural, é a conquista do Brasil pela cultura. E a cultura estava na Universidade de São Paulo” (DUARTE, 2010, p. 119).

Quando o tema é os intelectuais que pensaram a questão nacional em alguma dimensão, existe um recorrente interesse no passado. Tratava-se de fundar um *horizonte de expectativas* para a Nação, um ser brasileiro. Dentro desses embates epistemológicos e estéticos para a definição da cultura e da sociedade brasileira, os seus representantes não estavam vinculados a apenas um espectro político. Fazemos cá essa conexão como demonstração que, de fato, as batalhas pela autoridade de dizer a cultura brasileira se articulam como prioridade vital por intelectuais de várias

áreas e posições políticas. Quando Júlio de Mesquita Filho, cercado por nomes como o próprio Paulo Duarte e políticos como Armando Sales de Oliveira, se propõe a erigir uma universidade, o regime dos ventos aponta justamente na direção em que a fonte – o depoimento de Paulo Duarte – e o historiador que referenciamos – Carlos Guilherme Mota – situam as suas conclusões: o teor político explícito nos projetos que envolvem o saber, a ideologia latente em cada ato.

A seguir, Duarte é perguntado sobre de quem partia o ato político anteriormente enfatizado, se seria da “elite paulista”. A resposta obtida é que o Armando Sales de Oliveira, cunhado de Mesquita Filho, seria o arquiteto do ato político de conquista cultural. Nesse ponto, o relato do entrevistado ganha um tom particularmente interessante:

Tivemos, em São Paulo, o Armando Sales de Oliveira, que era realmente um homem excepcional, sob o ponto de vista de cultura, honestidade e de princípios. Ele se recusou a fazer um Governo totalitário em São Paulo, sendo um representante do Getúlio. Fundou uma Universidade; permitiu que se fundasse um Departamento de Cultura. Ele tinha os olhos voltados para a cultura, e teve ao lado dele o Julinho, que era um reacionário, não tem dúvida nenhuma, mas um homem de alta cultura. E o Julinho foi a alma da Universidade, e o vigilante da Universidade, principalmente (DUARTE, 2010, p. 121).

As referências a Armando Sales de Oliveira como político ideal, tendo Júlio de Mesquita Filho como escudeiro intelectual são intrigantes. Ligados por um elo de parentesco – com Sales de Oliveira tendo desposado da irmã de Mesquita Filho – dá um tom especialmente patrimonialista ao ideal de cultura que buscavam consolidar. Definido como a “alma da Universidade”, o paladino da cultura também é a introdução de ideias no interior das negociações com os projetos antiliberais. Essa proeza é realizada com a criação da Universidade de São Paulo, a partir da qual cultivou “todos os franceses e estrangeiros que passavam pela cidade cosmopolita” (MOTA, 2010, p. 122). Nesse interim, a vontade dos intelectuais que atuaram no tempo da “segunda República” em empreender uma mudança efetiva na sociedade representa uma profunda convicção, como que se auto atribuísem uma tarefa heroica, uma missão.

Não podemos esquecer, todavia, as premissas envolvidas. O termo “reacionário” é utilizado por Paulo Duarte para definir Mesquita Filho, significaria acreditar que o labor das elites intelectuais fosse um trabalho solitário, aristocrático? É nesse escopo que a Historiadora Maria Helena Capelato desdobra o seu livro *Os arautos do liberalismo*, tendo como objeto de pesquisa o jornal *O Estado de São Paulo* entre as décadas de 1920 e 1945, período em que Júlio de Mesquita Filho esteve na direção, salvo pequeno hiato. Segundo a autora, “o intelecto despótico se transformou em instrumento de domínio de si e dos outros” (CAPELATO, 1989). Os chamados “universais” – justiça e verdade, principalmente –, foram convertidos em espadas e escudos dessa *intelligentsia* que não hesitavam em empreender projetos dos quais as massas estavam excluídas, pelo menos a curto prazo; a justificativa que davam era que eventualmente todos seriam beneficiados pelo suposto progresso da nação.

Como não pretendemos esgotar o longo depoimento de Paulo Duarte, algumas questões tratadas por ele podem ser olhadas por outra janela, da perspectiva de Darcy Ribeiro. O proeminente antropólogo, que ficou conhecido por não ter papas na língua e dispensar o pudor da sisudez – mesmo

falando de maneira lacônica sobre Mesquita Filho – é o suficiente para fornecer uma demonstração do clima reinante no encontro entre aquele envolvido na criação da USP e o que ajudou a fundar a UNB.

“Patrocinador da USP”: Júlio de Mesquita Filho por Darcy Ribeiro

Concedido em 1978, o depoimento de Darcy Ribeiro assemelha em muitos pontos ao de Paulo Duarte, no que se refere a proposta. Faz parte também do projeto “História da ciência no Brasil”, sob a coordenação de Simon Schwartzman. Darcy Ribeiro foi um dos 77 cientistas brasileiros – de gerações diferentes – que foi entrevistado. Falou sobre sua vida profissional, o que significava atividade científica para ele, com ênfase no ambiente científico e cultural no país e a importância e as dificuldades do trabalho científico no Brasil e no mundo.⁹ Na ficha técnica, a escolha do entrevistado é justificada por sua trajetória profissional: “Etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta e romancista, o entrevistado fundou o Museu do Índio, que dirigiu até 1947, e criou o Parque Indígena do Xingu”, bem como ter elaborado para a UNESCO “um estudo do impacto da civilização sobre os grupos indígenas brasileiros no século XX”. Consiste em uma entrevista temática, com o levantamento de dados feitos por Patrícia Campos de Sousa, realizada no Rio de Janeiro entre 15 de fevereiro a 22 de fevereiro 1978, com duração 2h 15min, ocupando duas fitas cassete. Em 2010, o áudio original foi transcrito para 61 páginas – versão a que tivemos acesso.

Mais uma vez, tomamos as definições de Carlos Guilherme Mota como baliza de compreensão. Sobre o “perfil” de Darcy Ribeiro, Mota escreve que “só o tempo dirá, como sempre, se ficará na ala dos críticos da cultura ou na dos ideólogos” (Mota, 2010, p. 208). O antropólogo esteve envolvido em momentos cruciais de grandes reviravoltas no tecido político-cultural brasileiro, sendo, por exemplo, “um dos responsáveis pelo histórico Programa de Reformas de Base antes de 64, e ter sido dos poucos que resistiram concretamente aos golpistas civis e militares, até o último minuto” (Ibidem, p. 209). As suas militâncias aguerridas ao longo de boa parte da sua vida são inegáveis. Em sua obra síntese – *O povo brasileiro* –, Ribeiro lança logo na introdução um petardo que é especialmente revelador sobre o seu estilo crítico ao elitismo brasileiro. Para ele, o “povo-massa” permanece “sofrido e perplexo”, vendo na ordem social que define como tirânica “um sistema sagrado que privilegia uma minoria contemplada por Deus, à qual tudo é consentido e concedido. Inclusive o dom de serem, às vezes, dadivosos, mas sempre frios e perversos e, invariavelmente, imprevisíveis” (RIBEIRO, 2006, p. 22). Nesse ponto, vemos uma afiada postura crítica.

Darcy, em mais de uma oportunidade, se definiu como um “homem de fé e de partido”. Não fazia grandes esforços para passar por imparcial ou esconder o seu lugar social. Admitia que poderia parecer “mais ousado nas interpretações do que o admite a cautela acadêmica”, mas acrescentava imediatamente que corria esse risco de bom grado com o propósito de ser um discurso “lucidamente participante”. Não apenas através de práticas discursivas operaria este intelectual; as práticas não-discursivas são claras, principalmente com a sua aproximação institucional, de maneira especial

⁹ É digno de nota que todas essas entrevistas se encontram publicadas no catálogo “História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos / CPDOC”, Apresentação de Simon Schwartzman (Rio de Janeiro, Finep, 1984).

durantes os mandatos presidenciais de Juscelino Kubitschek e João Goulart, adotando um estilo irreverente e “iracundo”. Fortaleceu uma narrativa antielitista “como marca mais saliente de seu discurso sobre o Brasil” (BOMENY, 2009, p. 343).

É possível, transcorrido algum tempo desde a análise de Mota acerca de Darcy Ribeiro, arriscar uma afirmação sobre ter sido ele um ideólogo ou um explicador da cultura brasileira. Dado o acúmulo de informações, é possível entender Ribeiro como um intelectual orgânico que criticava um tipo de cultura vigente e, ao mesmo tempo, propunha uma outra – tornando-o um crítico e ideólogo. Esse breve perfil nos guia a melhor compreender os afetos envolvidos num encontro em mesa redonda entre Darcy e Júlio de Mesquita Filho para falar de temas que eram caros a ambos e apresentavam conclusões em muitos pontos conflitantes. Na entrevista concedida pelo “iracundo” Darcy Ribeiro ao CPDOC, Mesquita Filho aparece representado em sua fala como parte daquela elite que combatia.

Existe uma dissonância fundante entre os alegados propósitos das Universidade de São Paulo (USP) e Universidade de Brasília (UNB). Ao mesmo tempo, o destino pretendido parecia bastante semelhante nas suas conclusões. Como pensador ligado a criação da instituição de Brasília, Darcy Ribeiro passa a definir, sob sua perspectiva, o que ela representava para o projeto de sociedade que habitava seus desejos:

Então, a Universidade de Brasília teve um efeito tremendo sobre o Brasil, porque ela apresentou uma tábua de valores, uma tábua de contraste. Uma universidade que podia ser uma universidade adequada para o Brasil, para dominar o saber, para cultivar o saber e para aplicar o saber. Colocando isto em pauta, se podia ver a loucura que eram as outras universidades. O entusiasmo que a Universidade de Brasília provocou nos meios intelectuais brasileiros que estavam descontentes foi tremendo. E, ao mesmo tempo, ela representou uma crítica severíssima à gente contente. Então, surgiram atitudes, desde as bobocas atitudes da Universidade de São Paulo que, com ciúmes, tinha falado mal de Brasília... (RIBEIRO, 2010, p. 43).

A vontade de intervenção efetiva de uma instituição, nas palavras de Ribeiro acima transcritas, é a busca de consolidação de contraponto às demais Universidades que então existia. A referida crítica a “gente contente” era o mote central, como uma maneira de dizer que seria um instrumento de franco ataque às tradições. Nesse ponto específico – e poderemos atestar nas próximas páginas – fica bastante evidente do porquê do encontro entre Ribeiro e Mesquita Filho ter sido conflitante. O caso é que essas batalhas discursivas moviam tantos afetos quanto as bélicas, pois eram contendas entre filosofias pessoais que permitem entrever o espírito de sujeitos que foram contemporâneos em franco combate. Nessa busca de recuperação/criação de horizontes e fundição de uma proposta de tempo, e uma “tábua de contraste” no plano do “cultivo do saber”, os antagonismos pululam. As representações de mundo são muitas e implicam, dentre outras, um lugar social que vai influenciar diretamente nos esforços de classificar entre si os objetos visíveis e as suas respectivas conclusões.¹⁰

Com efeito, o momento seguinte ao trecho de entrevista supracitado, Ribeiro começa a con-

10 Esta análise é guiada por alguns postulados de Michel Foucault, notadamente no seu livro *As Palavras e as coisas*, onde elabora uma longa reflexão sobre a constituição dos saberes enquanto terreno de disputas no qual sutis jogos de poder operam. Ver: FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins fontes, 1999. p. 173.

tar as suas impressões sobre o encontro com Júlio de Mesquita Filho em uma ocasião para falarem dos temas caros à produção de saber no país. Esse fragmento da entrevista demonstra como os antagonismos e as diferenças se operaram, quando Darcy Ribeiro não poupa adjetivos para asseverar as suas intensas discordâncias ao projeto político da Universidade de São Paulo e buscava colocá-lo em dúvida. O tom é quase anedótico, porém mordaz:

[...] Aí há um episódio muito gozado. Fui uma vez a São Paulo para fazer uma conferência a quatro mãos, ou a duas bocas, com o Júlio de Mesquita Filho, que era o diretor do Estado de São Paulo e que hoje tem o nome na Universidade de São Paulo. O Júlio de Mesquita Filho foi uma espécie de patrocinador da USP. E ele, embora fosse um tipo, assim, com um certo interesse cultural, era uma espécie de ditador, também, da vida universitária.

O Estado de São Paulo ajudou, apoiou, mas também exigiu muita coisa. Por exemplo, ele chegou a fazer a maravilha de colocar o aio dos filhos dele, o professor de repetição de curso primário, que era um débil mental, chamado Laerte Ramos, na universidade de São Paulo. E esse Laerte, porque era aio da família Júlio de Mesquita quando nós caímos em Brasília; quando saiu o Zeferino Vaz, que era um homem competente – é que foi chamado para enterrar a Universidade de Brasília. Esse homem foi quem quebrou a louça, quem liquidou os professores, quem expulsou 200 e tantos professores da Universidade de Brasília. Foi esse imbecil, que era aio dos Mesquita.

Então, estive com o Júlio de Mesquita para fazer uma conferência, e o Júlio Mesquita trouxe a conferência escrita no bolso, e ficou meio constrangido, porque a *conferenciazinha dele era para dizer como o Armando de Salles Oliveira tinha criado a Universidade de São Paulo e a maravilha que era a Universidade de São Paulo. E eu falava da maravilha que era a Universidade que eu estava fazendo em Brasília.* Aí, eu, ao invés de falar disso, comecei a contar a história da Universidade de São Paulo, dizendo que o Armando de Salles Oliveira e o grupo Júlio de Mesquita podiam ter tido uma grande influência, mas não tiveram porque foram vencidos pelas grandes escolas. Eles quiseram, como Anísio Teixeira, fazer uma universidade integrada, mas as grandes escolas jamais admitiram que seus alunos passassem pela Faculdade de Filosofia para fazer o curso de Matemática ou qualquer outra coisa [...]

Ele ficou com a cara no chão, porque não pôde ler o discurso dele. Fez só algumas observações, porque, realmente, estava sem discurso. E, de certa forma, era verdade o que eu dizia, que Brasília retomava, não a ideia do Armando de Salles, mas o espírito que informou aquilo, que era criar uma universidade integrada. A Universidade de Brasília, ao ser proposta, provocou ciúmes em São Paulo – que era a melhor atitude, ainda. Ciúme competitivo, bom. Essa emulação que ocorre entre as instituições científicas, que é uma coisa grata, boa. Mas provocou irritação, ciúme, raiva, em quantos catedráticos imbecis e ruins havia nesse país (RIBEIRO, 2010, p. 43-44, Grifos nossos).

Esse trecho da fala de Ribeiro parece confirmar a sua própria “narrativa do eu” ou a sua vontade de verdade sobre si mesmo, especificamente no que se refere a ser ele um “homem de fé e partido”. Também dá a impressão de desvelar o seu estilo “iracundo”. Traduzido em frio texto, o que temos é um homem contando acerca de uma experiência intensa em meio a uma conferência. Se lida a contrapelo, trata-se da fala de um sujeito defendendo um ponto de vista e colocando-se como o desbaratador de um discurso apologético do “patrocinador da USP” Mesquita Filho e combativo com os seus métodos administrativos. Se feito um exercício de arqueologia dos saberes que os intelectuais que são personagens desse texto cultivavam, é possível encontrar pistas de como os saberes dessa época efervescente de criação de universidades no Brasil se constituíram. Nessa arqueologia possível, inferimos que os diversos esforços de organização dos centros de saber se constituíram em diferenças que tornavam possível erigir uma identidade, focando de maneira notável no afastamento de perspectivas e desconsiderando suas vizinhanças e semelhanças.

Em referência livre ao que Freud escreveu sobre o que falar de alguém revela do sujeito em si, Darcy Ribeiro entrega uma posição bastante dura sobre os projetos educacionais que se buscava implantar no Brasil em meados do século XX. Curiosamente, o longo trecho acima apresenta semelhanças ao seu conhecido argumento sobre a crise no sistema educacional brasileiro ser um projeto, um projeto de elite que desejava sucatear e manter as classes subalternas na obscuridade, sem acesso ao pensamento crítico. O que se apresenta nessa narrativa sobre a referida conferência é um claro antagonismo de Ribeiro em relação àqueles apresentados pela Universidade de São Paulo, da qual Júlio havia sido “patrocinador” ao lado de Armando Sales de Oliveira. Este último participou ao lado de Mesquita Filho dos conflitos do movimento constitucionalista de 1932. O nativismo paulista, ao que tudo indica, estava entranhado profundamente nas artérias desses dois sujeitos-signos. Por outro lado, Darcy Ribeiro era Mineiro, habitante daquele estado da federação que havia “traído” o movimento paulista. A possibilidade das belicosidades e ressentimentos desse encontro fugaz entre o paulista e o mineiro ter sido um conteúdo de regionalismos é bastante alta, uma possibilidade histórica possível, mesmo que não tenha sido evidenciada diretamente pelos envolvidos.

“As cidades universitárias”: escritos de Júlio de Mesquita Filho durante o exílio

O *Estado de São Paulo* já foi tomado como objeto de pesquisa histórica pelas historiadoras Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, reunidos no livro *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”* (CAPELATO e PRADO, 1980). Esse trabalho conjunto, escrito no final da década de 1970 está ganhando uma nova juventude, uma vez que o destino desse texto transcende as ambições originais das autoras – partindo de um contexto específico –, passando a pedir novas abordagens. Desta feita, as historiadoras supracitadas mapearam que os discursos d’o *Estado de São Paulo* eram expressão de vozes das elites dominantes que se dirigiam a grupos sociais que desejavam representar e/ou convencer. Essas elites dominantes seriam “as classes proprietárias – sem distinção de frações ou grupos específicos –, isto é, a visão daqueles que defendem a manutenção das estruturas econômico-sociais vigentes”. Em outras palavras, o estudo dessas historiadoras, a direção do jornal veio de uma tradição conservadora. Era exatamente Júlio de Mesquita Filho o dirigente e membro da sociedade anônima que detinha as ações desse jornal. É válido indagar em que medida esse sujeito buscou ampliar a sua influência no seio do mundo intelectual.

Darcy Ribeiro nomeou Mesquita Filho de “patrocinador da USP”, acrescentando que se tornaria uma “espécie de ditador” da vida universitária. Quando o tema era a configurações de universidades, é salutar compreender o que pensava ele sobre. É uma ideia bastante compartilhada nos postulados da Filosofia da História que o conflito está sempre presente nas estruturas sociais. Um espelho desse fenômeno, mesmo que desfocado e traduzido em suas respectivas linguagens, se apresenta nas paixões presentes nos trechos de depoimentos anteriores, contados em tons de “era uma vez”. Lembramos, todavia, que esses depoimentos não são, na expressão benjaminiana, “uma imagem eterna do passado” (BENJAMIN, 2012, p. 250). Esclarecendo que não existe a pretensão de tornar o já citado artigo escrito por Mesquita Filho para o *La Prensa* como essa imagem eterna do passado. Ao contrário, lemos como uma “centelha” através da qual é possível acessar uma

certa empatia (*Einfühlung*) (Ibidem, p. 244) com aquelas possibilidades históricas que habitavam as ideias desse personagem, sempre realizadas parcialmente. Escrevendo nesse mote de definir o destino das ciências, sua utilidade e seus lugares propagação, diria que:

[...] A mais rigorosa unidade assim intelectual como moral caracterizava a vida desses ilustres centros de alta cultura [o que considerava os maiores centros de saber ao redor do mundo]. Como é sabido, essa unidade era ainda fortalecida pelo fato de ter sido durante séculos o latim a única língua não somente admitida nos cursos, mas ainda nas obras impressas, o que fazia das universidades e dos homens cultos da época uma espécie de sociedade internacional pairando acima das diferentes nacionalidades (MESQUITA FILHO, 1939).

Esse trecho leva a possibilidades bastante particulares de interpretação. Remete a ideias como “alta cultura” e transcendências ligadas a concepções de nação. Júlio de Mesquita Filho passa a concentrar suas ações dentro das possibilidades de recuperação dos destinos de um país ao qual desejava ofertar um projeto, e seduzido por determinada utopia. O que, historicamente, possibilitou imaginar uma nação? Segundo Benedict Anderson, essa questão se divide em aspectos diversos relacionados a derrocada concepções culturais muito antigas: a primeira da lista é a ideia que uma língua antiga – como o latim – que fornecia o acesso à verdade ontológica. A questão do Latim é mencionada no trecho acima transcrito, fortalecendo a hipótese de estar este intelectual buscando uma realidade nacional, já que essa ideia por muito sustentou as comunidades nacionais (ANDERSON, 2008, p. 50).

Essas ideias proporcionavam aos seres humanos um sentido superior, enraizando a sua existência a um imaginário do que seria a natureza das coisas, uma certa cosmogonia estável. Em outras palavras, eram anódinos estratégicos que tornavam suportável as fatalidades e contingências cotidianas, como servidão, a morte e a perda. Aos poucos, essas perspectivas redentoras/consoladoras foram entrando em declínio sob impacto da economia, “descobertas’ (sociais e científicas)”, desenvolvimento dos meios de comunicação cada vez mais rápidos. Tudo isso levou a uma “clivagem entre cosmologia e História”. A nação surge como outra entidade transcendente que pudesse unir “fraternidade, poder e tempo”. O capitalismo editorial, segundo Anderson, foi um dos principais elementos para que as pessoas “viesses a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais de maneiras radicalmente novas”. Nesse esforço de aferir a importância das cidades universitárias, um certo fim se fazia presente:

Tal qual hoje se observa havia idêntica troca de conhecimentos entre os grandes centros de cultura. Com o progresso das ciências, porém, essa unidade se foi pouco a pouco rompendo. À medida que a inteligência humana ia devassando mais profundidade os mistérios da natureza e que, em consequência, se dilatavam os horizontes do ensino, novos institutos se foram criando e passando a funcionar fora da órbita e dos domínios das universidades (MESQUITA FILHO, 1939).

Em resumo, o desejo de unificar novamente os saberes sob a batuta de uma cidade universitária consistia em produzir uma narrativa de sacralidade. Imaginar e consolidar uma comunidade.

As referências culturais que Mesquita Filho demonstrava estar agarrado levavam a uma cosmogonia de saberes que canalizavam ordens discursivas que se dividia entre fazer apologias e críticas. Como escreveu Edward Said (2005), “cada região do mundo produziu seus intelectuais, e cada uma dessas formações é debatida e argumentada com uma paixão ardente”, o que explica, por exemplo, a rivalidade expressa entre as concepções de Darcy Ribeiro e Júlio de Mesquita Filho e os seus respectivos solipsismos. Ainda para Said, “não houve nenhuma grande revolução na história moderna sem intelectuais; de modo inverso, não houve nenhum grande movimento contra-revolucionário sem intelectuais”, e o fato desses contemporâneos se aproximarem e se afastarem em suas convicções dependem de quais movimentos históricos estiveram filiados ou tiveram sua simpatia, já que “os intelectuais têm sido os pais e as mães dos movimentos e, é claro, filhos e filhas e até sobrinhos e sobrinhas” (SAID, 2005, p. 25).

É razoável admitir que os devires humanos estão fortemente marcados pela imagem de fim, configurada pela própria mortalidade dos sujeitos. Essa narrativa apocalíptica ganha tons mais dramáticos quando existem rupturas históricas significativas, impelindo a inteligência a criar novos começos, escavar novas passagens em labirintos que parecem ter sido obstruídos por desmoronamentos violentos. Após o mergulho de Mesquita Filho nas ondas dos “frementes anos 20” e a busca de recuperar a estabilidade em meio a névoa que se adensava na “noite longa e exasperante” (SEVCENKO, 1992, p. 313) através do estado de enfrentamento – expresso através do engajamento intenso no “movimento constitucionalista de 1932”, a vida continuou perigosa para o proprietário do grande jornal paulista. Conheceria, então, a experiência do desterro, documentada longamente na correspondência em tom angustiado que manteve com sua família. Pressionado a reinventar novos começos, passou a enxergar na intervenção intelectual um terreno de luta mais eficaz do que as armas.

Quando escreveu esse texto, em 1939, se encontrava no segundo exílio. O Brasil estava sob regime de exceção, sob a batuta de Getúlio Vargas. A criação da USP, universidade que Darcy Ribeiro denunciou como tendo sido penetrada pela vida pessoal de Mesquita Filho, tinha se dado alguns anos antes, logo após o seu retorno do primeiro exílio. A parceria com o seu cunhado, Armando Sales de Oliveira, se apresentava como um revide às recentes derrotas no campo político. Uma vez passadas essas experiências como intelectual idealizador de universidade, passou a ser considerado como uma autoridade no assunto e convidado para escrever para um órgão de imprensa estrangeiro. As suas conclusões apresentam um tom apaixonado:

Se tivermos bem em mente o espírito geral que em vimos procurando explanar o que entendemos constituir o fundo e a forma do problema universitário, chegaremos logicamente, a conclusão de que um único estilo poderá ser adotado na edificação da cidade: aquele que lembre a todos os momentos tanto a estudantes como a professores as origens ibéricas da nacionalidade. Uma universidade valerá pelo espírito que nela venha palpitar, pelo poder nacionalizador de que se mostre capaz, pela fé nos destinos da nação que saiba instilar no coração da juventude. A ciência, bem o sabemos, em si mesma, não conhece fronteiras. Não é menos verdade, porém que o valor de um povo se mede antes de tudo pelo respeito e pelo amor que saiba dedicar às suas origens, às suas tradições. Se isso constitui um imperativo absoluto para todos os países sem exceção, muito maior o será para os que, por circunstâncias especiais, se vêm procurados por volumosas correntes emigratórias de todos os matizes, como acontece tanto com a Argentina como com o Brasil. Por isso mesmo, impõe-se às suas elites não perder jamais a ocasião de afirmar bem alto a mais intransigente fidelidade ao

passado. E que melhor maneira de significar absoluta solidariedade com os nossos maiores do que construir a cidade universitária de tal modo que se lhes fosse dado volver do seio da eternidade, onde descansam, se sentissem dentro de seus muros como em suas próprias casas? (MESQUITA FILHO, 1939).

Após a eloquente argumentação sobre o propósito da universidade, notamos alguns pontos especialmente dignos de nota, como a passagem que se refere a “as origens ibéricas da nacionalidade”, apontando que este seria a direção para a qual os projetos políticos pedagógicos deveriam apontar. É instigante que todo esse enunciado parece ser dirigido às elites, indicando o que estas não devem esquecer. A conclusão se apresenta como uma pergunta retórica que sela em definitivo o seu esforço de definir “um novo começo” que é, ao mesmo tempo, uma “intransigente fidelidade ao passado”. Uma fina ironia se faz presente nesse ponto chave, convergindo entre desejo de criação e busca de uma tradição, remetendo a uma concepção de tempo cíclica.

“O cinismo é a ironia com poder”: Considerações finais

Júlio de Mesquita Filho foi colocado acima como personagem em torno do qual uma dinâmica intelectual se delineou sensivelmente e os relatos sobre ela chegaram aos nossos dias por meio de seus contemporâneos. Seja por palavras datilografadas no apagar das luzes da década de 1930, ou ditas quase quarenta anos depois, conceitos caros a esses sujeitos se imprimem intensamente, às vezes com notável ferocidade. Dentro de uma lógica histórica contingente, os três a-sujeitados a “estar-nos-mundos” do século XX que são personagens desse texto se engajaram a explicar o Brasil, projetar um tempo. Essa projeção, que era mestiça de interpretação e crítica, era também ideológica na medida que partiam de lugares e interesses diferentes e desejavam ser vencedores em suas respectivas ideias. O país como enigma a ser desvendado era, por igual, visto como uma tábula-rasa a ser preenchida de significados, isto é, por uma Cultura especialmente esculpida.

O esforço em produzir as narrativas se aproximam das universidades por serem centros de poder, uma fonte de produção de enunciados sociológicos, filosóficos, então encarados como profundamente políticos. Via-se que esse instrumento poderia ser apropriado para cimentar uma certa visão de mundo, daí as ironias propaladas por Darcy Ribeiro sobre Júlio de Mesquita Filho, já que a participação na criação da instituição teoricamente abriria portas para que esse sujeito arrogasse o direito de deliberação. Essas interpretações, se comparadas a “evangelhos” da cultura brasileira, pretendiam se tornar canônicos. Nessas tentativas de recortar o palco cultural segundo vontades individuais – o nativismo, no exemplo de Mesquita Filho – fica em evidência os formigamentos dos começos de uma inteligência que criava e ao mesmo tempo “descriava”.¹¹ Em outras palavras, esses intelectuais penetraram nas brechas da política, e conforme nos lança a epígrafe que abre esse tópico, se atribuíram o privilégio dizer “que o que é não é e o que não existe, existe”, utilizando a ironia como poder. Assim, gerava-se ruídos e conflitos entre contemporâneos em um campo de batalha insólito.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Bartleby, ou da contingência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOMENY, Helena. Aposta no futuro: o Brasil de Darcy Ribeiro. In: BOTELHO, André. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um País. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os arautos do liberalismo**: imprensa paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino**: Imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo". São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- DUARTE, Paulo Alfeu Junqueira de Monteiro. **Paulo Duarte II** (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 178p.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Depois de aprender com a história. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MACÊDO, Francisco Adriano Leal. **Nação como retórica**: a construção da ideia de Brasil por Júlio de Mesquita Filho (1932-1964). 2018. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.
- MACÊDO, Francisco Adriano Leal. Relíquias da existência de um intelectual: os mundos fraturados de Júlio de Mesquita Filho na "Era dos Extremos". **Intelligere**, n. 8, p. 17, 30 dez. 2019.
- MACÊDO, Francisco Adriano Leal. Janela sobre a metrópole órfica: Júlio de Mesquita Filho e a cidade-mundo que habitou. **Vozes, Pretérito & Devir**, Ano VII, v. XI, n. I, p. 208-228, 25 maio 2020.
- MARTINS, Renato. **Encontros**: Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.
- MESQUITA FILHO, Júlio de. **Cidades universitárias**. Documento pessoal do arquivo do jornal O Estado de São Paulo. Buenos Aires, 30 de novembro de 1939.
- MOTA, Carlos Guilherme. **A ideologia da cultura brasileira**. (1930-1974): pontos de partida para uma revisão histórica. 4. ed. São Paulo: Ática, 1980.
- MOTA, Carlos Guilherme. **História e contra-história**: perfis e contrapontos. São Paulo: Globo, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: companhia das letras, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro** (depoimento, 1978). Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. 61p.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um País. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHWARTZ, Stuart B. "Gente de terra braziliense". Pensando o Brasil: a construção de um povo. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Viagem incompleta**. A experiência brasileira (1500-200) Formação: histórias. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Banquete com os deuses**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.